

Recebido em: 20/02/2023  
Aprovado em: 08/08/2023  
Publicado em: 17/10/2023

[TRADUÇÃO]

MEMÓRIA DE ISAAK I. RUBIN<sup>1</sup>

Por

B. I. Rubina (cerca de 1971)

Tradução e Revisão técnica

Rafael de Almeida Padial<sup>2</sup>

([rfpadial@gmail.com](mailto:rfpadial@gmail.com))

---

**Resumo:** Tradução de relato fornecido pela irmã de Isaak Rubin, B. I. Rubina, décadas após a morte do economista e revolucionário soviético. O forte relato trata dos anos finais de prisão exílio e morte de seu irmão. Fornecemos também ao leitor uma pequena introdução biográfica sobre Rubin, sua atividade política e acadêmica.

**Palavras-chave:** Rubin. Marx. Valor. Capital.

---

---

<sup>1</sup> Publicado em (MEDVEDEV, 1989, pp. 280-84). Todas as notas de rodapé são de nossa autoria (tradução brasileira).

<sup>2</sup> Doutor e Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Campinas.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3759104161090969>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5943-5613>.



**INTRODUÇÃO BIOGRÁFICA SOBRE ISAAK RUBIN**

*Por R. Padial*

*Abaixo publicamos tradução de relato fornecido pela irmã de Isaak Rubin, B. I. Rubina, décadas após a morte do economista e revolucionário soviético. Todavia, antes de passar ao documento de memória propriamente dito, fornecemos ao leitor uma pequena introdução biográfica sobre Rubin, sua atividade política e acadêmica.*

Isaak Ilyich Rubin nasceu em 1886, em Dunaburgo, atual Letônia (então parte do Império Russo), em família judaica; recebeu educação judaica tradicional, formou-se em ginásio clássico em Vitebski (cidade da região do nordeste da atual Bielorrússia), e, em 1910, graduou-se na Faculdade de Direito da Universidade de São Petersburgo. Rubin atuou como advogado em Moscou a partir de 1912 (posteriormente, seus manuais sobre conciliação jurídica, arbitragem e seguro desemprego foram publicados pela casa editorial vinculada ao Soviete de Moscou).

Ainda jovem, em 1904, Rubin tomou parte em movimentos revolucionários. Primeiramente, pertenceu a uma das organizações do Bund (liga social-democrata judaica, que atuava sobretudo em conjunto com os mencheviques), tornando-se em seguida membro de seu Comitê Central. Depois, integrou o grupo dos chamados "mencheviques internacionalistas", criado em maio de 1917, cuja maior parte (mas não Rubin) aderiu ao partido bolchevique em agosto do mesmo ano. Em 1920, foi defensor da necessidade de os sindicatos serem independentes do Estado soviético, enquanto órgãos espontâneos da classe trabalhadora. A respeito de suas atividades acadêmicas sob o Estado soviético, o próprio autor afirma em suas memórias (*apud* VASINA & ROKITYANSKY, pp. 822-23) o seguinte:

"Em 1919, fui convidado por D. B. Riázanov para traduzir obras de Marx [...]. De meados de 1919 até 1921, ministrei a disciplina de ciências sociais em cursos técnico-militares de Moscou; no verão de 1920, lecionei um curso de economia política para professores, no Comissariado do Povo para Educação. Entre fevereiro de 1920 e 1922, trabalhei no Comissariado da Educação, numa comissão para criar programas escolares, noutra comissão para esboçar planos curriculares para universidades e também como chefe do departamento de ciência social do Instituto Humanitário Pedagógico. Em fevereiro de 1921, fui nomeado professor da Universidade Primeira de Moscou, e, subsequentemente, ensinei ali economia política, bem como no Instituto de Professores Vermelhos, no Instituto de Economia Nacional e na Universidade Sverdlovsk."

Em fevereiro de 1921, no início do processo de repressão aos mencheviques, Rubin – então secretário do Comitê Central do Bund – foi preso pela Tcheká. Pouco depois foi solto, graças a uma petição de influentes bolcheviques (entre eles, A. Lunatcharski e D. Riázanov). A liberdade não durou muito: em novembro do mesmo ano, quando deputado pelo Soviete de Moscou, o autor foi novamente preso (agora pela OGPU), dada a associação aos mencheviques. Dessa vez, por interferência de influentes acadêmicos, Rubin foi novamente liberado. A carta do reitor da Universidade de Moscou, o então famoso historiador V. P. Volgin, protestava da seguinte forma: "Sua prisão causa um grande dano às classes da faculdade, pois ele dá aula de teoria marxista, da qual ele próprio é aderente, e essa disciplina é um componente essencial do programa básico da faculdade" (*apud* VASINA & ROKITYANSKY, p. 824).

Rubin ficou então em liberdade por um ano e três meses, período no qual, juntamente com seu trabalho acadêmico, publicou diversos artigos e escreveu a primeira edição de sua obra principal, os *Ensaio sobre a teoria do valor de Marx* (1923). Em fevereiro de 1923, no entanto, foi novamente preso – acusado de "atividade antissoviética" – e recebeu pena de mais de três anos e meio. Em abril de 1923, decidiram enviá-lo a um campo de concentração de Arcangel, cidade em região ao norte da Rússia, a 1.250 km de Moscou. Para Rubin, isso equivaleria a uma sentença de morte, dada a sua frágil saúde. Por intervenção de N. N. Krestinsky, embaixador soviético na Alemanha, a OGPU decidiu manter Rubin temporariamente na prisão de Butyrsky, em Moscou. Não durou muito: no outono de 1923 o órgão de repressão finalmente optou por enviá-lo a um campo de concentração na Susdália (pequena cidade russa, pertencente ao estado federal [*Oblast*] de Vladimir, a cerca de 200 km de Moscou). Nos oito meses em que ficou na Susdália a sua saúde deteriorou. Após muito protestar, Rubin foi enviado de volta à prisão moscovita Butyrsky. A severidade da OGPU contra Rubin deveu-se ao fato de que ele não mudava suas críticas à perseguição aos mencheviques.

Em dezembro de 1924, uma reunião especial do colegiado da OGPU ordenou que Rubin fosse liberado da prisão e exilado em alguma cidade da Crimeia, para lá terminar os cerca de dois anos faltantes de sua pena. Rubin e sua esposa foram finalmente enviados à cidade de Karasubazar (renomeada Belogorsk a partir de 1944), na qual a sua saúde piorou bastante durante os invernos. Em abril de 1926, após cumprida a sua pena, os colegas acadêmicos de Rubin fizeram o possível para que ele voltasse a lecionar nas universidades moscovitas, mas não obtiveram sucesso.

Enquanto esteve em prisão (entre o verão de 1923 e o outono de 1926), Rubin, apesar das condições adversas, pôde prosseguir com seu trabalho acadêmico; produziu cerca de vinte obras científicas, incluindo monografias, traduções de livros, artigos econômicos, prefácios, comentários sobre textos, artigos para jornais e para a *Grande Enciclopédia Soviética*<sup>3</sup>. O seguinte episódio é bastante significativo sobre o compromisso de Rubin com seu trabalho acadêmico. Em dezembro de 1924, quando recebeu a ordem de liberação da prisão de Butyrsky (Moscou) para exílio em Karasubazar (Crimeia), Rubin recorreu e solicitou a postergação da prisão para poder finalizar trabalhos teóricos. Eis seu argumento (*apud* VASINA & ROKITYANSKY, p. 832):

"Tenho em minhas mãos duas grandes obras, uma das quais é de natureza pedagógica (*Khrestomatiya po istorii politicheskoi ekonomii* [Guia da história da economia política], de cerca de 540 páginas), a qual tem de ser rapidamente enviada à Gosizdat, e a finalização não tomará mais de 6 ou 7 dias. Caso eu parta rapidamente, serei privado da oportunidade de enviar o único manuscrito, fruto de meio ano de trabalho, o que o retardará em ao menos dois ou três meses."

O pedido pouco usual foi atendido e o livro, finalizado.

Em 1926, após cumprida a sua pena, Rubin abandonou a atividade político-partidária e se concentrou em trabalhos acadêmicos de pesquisa, escrita e ensino. Entre 1926-30, foi pesquisador associado ao Instituto Marx-Engels (IME) de Moscou, sob a direção de D. Riázanov, do qual era bastante próximo. Então, Rubin tornou-se um dos mais influentes intérpretes da obra de Marx. Suas posições pautaram discussões no período da NEP, sobretudo a respeito da questão da vigência (ou não) da "lei do valor" na economia soviética.

---

<sup>3</sup> Segundo (VASINA & ROKITYANSKY, pp. 830-31), entre tais produções estão incluídas uma segunda edição dos *Ensaio sobre a teoria do valor de Marx* (1924), expandida duas vezes em relação à primeira; a tradução e o prefácio de *A teoria do valor em Marx e Ricardo*, de I. Rosenberg; a segunda edição do livro (em coautoria com R. M. Kabo) *A economia nacional em ensaios e imagens* (1924); um artigo introdutório ao livro *História da teoria do valor na Inglaterra* (1924), de W. Liebknecht (livro do qual Rubin fez a revisão técnico-científica da tradução); a tradução do livro *Fundamentos da economia mundial*, de G. Levy; a escrita do livro *Os fisiocratas* (1925); a escrita do livro *História do pensamento econômico* (1926); uma nova tradução de *Para a crítica da economia política*, de Marx; uma série de artigos e resenhas para a revista *Arquivos de K. Marx e F. Engels*; compilou a antologia *Clássicos da economia política do séc. XVII ao séc. XIX*, provendo a cada seção uma introdução didática; escreveu, para a primeira edição da *Grande Enciclopédia Soviética*, os artigos "A escola austríaca", "Amortização" e "Economia política vulgar". Na prisão de Butyrsky, iniciou a redação do manuscrito do *Ensaio sobre a teoria monetária de Marx* (o qual retrabalhou durante 1927/28). Além disso, Rubin manteve correspondência com acadêmicos e instituições (sobretudo com o Instituto Marx-Engels de Moscou), os quais frequentemente requeriam seus pareceres e avaliações teóricas.

No entanto, sua associação anterior aos mencheviques o levou a mais um aprisionamento, em 23 de dezembro de 1930, e à sua inclusão no processo contra os mencheviques em março de 1931. Nesse, foi acusado de colaboração com um suposto "Bureau Sindical do Comitê Central do POSDR", "financiado e dirigido do exterior" (bureau que, na verdade, como comprovou Roy Medvedev [MEDVEDEV, 1989, CAP. 4], nunca existiu). As acusações eram patéticas, evidenciavam contradição interna, e, em vários sentidos, óbvia falsidade. Entretanto, Rubin, assim como outros acusados, após sistemática tortura, confessou completa "culpa". O julgamento foi desenhado para dar uma lição à oposição de direita bolchevique e aos trotskistas. Rubin foi aí incluído sobretudo para incriminar Riázanov, odiado por J. Stálin. Em certa medida devido à "confissão" de Rubin, o então diretor do IME foi despedido de sua função, expulso do partido e acusado de "traição ao partido e ajuda direta aos interventores mencheviques"<sup>4</sup>.

Como antecipação do seu julgamento, Rubin foi denunciado por V. Milyutin e D. Bovilin, na revista *Bolchevik*, n. 2, 1930, da seguinte forma:

"I. I. Rubin é o ideólogo e o representante da ideologia dos teóricos da Segunda Internacional em matéria de Economia Política [...]. É um grande erro descrever I. I. Rubin como combatente pelo marxismo ortodoxo contra a 'escola social', ou ainda aceitar acriticamente – ou com reservas negligentes – suas asserções teóricas, considerando-as estritamente como marxismo."

Ao artigo foi adendada uma declaração oficial, anunciando a completa suspensão da livre discussão de imprensa a respeito das visões de Rubin e seus seguidores. Ainda assim, foi necessário publicar no *Pravda* (edições de 13/1/31 e 7/3/31) diatribes de Bovilin contra Rubin. A primeira se chamava "Cortemos o *rubinismo* pela raiz!".

Rubin foi condenado a cinco anos de prisão. Após três anos em confinamento solitário, foi exilado para Turgai (pequeno povoado em região desértica do Cazaquistão) e, depois, para Aqtöbe (também no Cazaquistão), onde trabalhou como economista planejador em cooperativa de consumo e continuou sua própria obra. Em Aqtöbe, juntarem-se a Rubin sua esposa e também (rapidamente) sua irmã, de quem agora publicamos a memória. Nessa mesma cidade, em 1937 (em 25 de novembro, segundo alguns), em meio aos expurgos stalinistas, Rubin desapareceu para sempre.

\*\*\*

<sup>4</sup> Sobre o destino de Riázanov, ver (MARIE, 2021).

## MEMÓRIA DE RUBIN

(por sua irmã)

Eis o que aprendi com meu irmão. Quando preso, em 23 de dezembro de 1930, foi acusado de ser membro do "Bureau Sindical dos Mencheviques". Essa acusação pareceu-lhe tão ridícula que imediatamente submeteu por escrito uma exposição das suas visões, o que, acreditou, provaria a impossibilidade da acusação. Quando o investigador leu a declaração, rasgou-a ali mesmo. Uma acareação foi preparada entre meu irmão e [M.] Yakubovich, que fora preso anteriormente e confessara ser membro do "Bureau Sindical"<sup>5</sup>. Meu irmão nem conhecia Yakubovich. Na acareação, quando Yakubovich disse ao meu irmão "Issac Ilyich, estávamos juntos na sessão do Bureau Sindical", meu irmão imediatamente perguntou: "E onde ocorreu essa reunião?". Tal questão causou tamanho problema no exame que o investigador o interrompeu logo ali, dizendo: "Que é você, Isaak Ilyich, advogado?"

De fato, meu irmão era advogado e trabalhara nessa área por muitos anos. Após a acareação, a acusação de que Rubin era membro do "Bureau Sindical" foi retirada. Pouco depois, meu irmão foi transferido para a Susdália. As circunstâncias dessa transferência foram tão incomuns que certamente inspiraram nele alarme e medo. Na estação da plataforma não havia uma única pessoa; num vagão vazio, ele foi recebido por um oficial importante da GPU, chamado Cai. A todas as tentativas de persuasão de Cai, meu irmão respondeu com o que era realmente verdade: ele não tinha relações com os mencheviques. Então Cai declarou que lhe daria quarenta e oito horas para pensar. Rubin respondeu que não necessitava de quarenta e oito minutos.

[...] O exame em Susdália também não deu aos investigadores o resultado que queriam. Então eles colocaram Rubin por dias no *kartser*, a cela de punição. Meu irmão de quarenta e cinco anos era um homem com um coração e articulações doentes. O *kartser* era um buraco na pedra, do tamanho de um homem; você não podia se mover nele, só

---

<sup>5</sup> Mikhail P. Yakubovich [1891–1980] foi bolchevique em sua juventude e menchevique durante a Primeira Guerra mundial. Em 1917, pertenceu ao grupo dos mencheviques que apoiaram a revolução russa. No período da tentativa de golpe por Kornilov, em setembro de 1917, foi um dos responsáveis pela prisão do general Denikin. Quando a tentativa de reaproximação entre bolcheviques e mencheviques falhou, em 1920, Yakubovich deixou seu partido e passou a trabalhar, independentemente das organizações, em órgãos soviéticos. Em 1930, quando era vice-diretor da divisão de abastecimento do Comissariado do Comércio, foi preso, acusado de pertencimento ao suposto "Bureau Sindical" dos mencheviques. Estas informações seguem o artigo "The Case of Mikhail P. Yakubovich", sem autor especificado, disponível digitalmente no site *A Chronicle of Current Events*, <<https://chronicle-of-current-events.com/2013/10/10/10-8-the-case-of-m-p-yakubovich-karaganda/>> (acesso em dezembro de 2022).

podia ficar em pé ou sentado no chão de pedra. Mas meu irmão também suportou essa tortura e saiu do *kartser* com um sentimento de confiança interior em si mesmo, em sua força moral. [...] Então foi levado ao *kartser* pela segunda vez, o que tampouco produziu efeitos. Na época, Rubin dividia uma cela com Yakubovich e [V. V.] Sher<sup>6</sup>. Quando retornou do *kartser* pela segunda vez, seus companheiros de cela o receberam com grande preocupação e atenção; imediatamente fizeram chá para ele, deram-lhe açúcar e outras coisas, e tentaram de toda forma demonstrar solidariedade. Contando isso, Rubin me disse que ficara muito surpreso: tais pessoas mentiram sobre ele e ao mesmo tempo tratavam-no com tanto carinho.

Rubin foi logo colocado em confinamento solitário; em tais circunstâncias, foi sujeitado a todo tipo de terrível humilhação; foi privado de todas as coisas pessoais que trouxera consigo, até mesmo de lenços. Nessa época ele estava gripado e andava com o nariz inchado, com úlceras, imundo. As autoridades prisionais inspecionavam sua cela com frequência, e, tão logo encontravam qualquer violação das regras de manutenção das celas, mandavam-no limpar as latrinas [do presídio]. Tudo foi feito para quebrar sua força de vontade [...]. Disseram-lhe que sua esposa estava muito doente, ao que respondeu: "Não posso ajudá-la de modo algum, pois nem mesmo posso me ajudar". Às vezes os investigadores se tornavam amigáveis e diziam: "Isaak Ilyich, isso é necessário para o partido". Mas ao mesmo tempo lhe aplicavam interrogatórios noturnos, nos quais não se podia dormir por um minuto sequer. Acordavam-no, cansando-o com todos os tipos de perguntas, zombando de sua força espiritual, chamando-o de "Jesus menchevique".

Isso durou até 28 de janeiro de 1931. Na noite de 28 para 29 de janeiro, levaram-no para um porão onde havia vários oficiais do cárcere e um prisioneiro, chamado Vasilyevskii, [...] a quem disseram, na presença de meu irmão: "Vamos atirar em você agora, se Rubin não confessar". Vasilyevskii, de joelhos, implorou a meu irmão: "Isaak Ilyich, quanto custa para você confessar?". Mas meu irmão ficou firme e calmo, mesmo quando atiraram em Vasilyevskii ali mesmo. Seu sentimento de retidão interior era tão forte que o ajudou a suportar a terrível privação. Na noite seguinte, 29 de janeiro, levaram meu irmão novamente ao porão. Dessa vez estava ali um jovem, que parecia um estudante. Meu irmão não o conhecia. Quando se dirigiram ao estudante com as palavras "você vai levar um tiro porque Rubin não confessa", o estudante rasgou sua camisa na

<sup>6</sup> Membro do conselho do Banco do Estado.

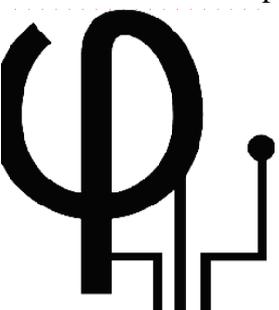
altura do peito e gritou "atirem, fascistas, gendarmes!". Atiraram nele ali mesmo. O nome do estudante era Dorodnov.

A morte de Dorodnov causou uma impressão devastadora em meu irmão. Voltando para a cela, começou a refletir. Que é necessário ser feito? Meu irmão decidiu iniciar negociações com o investigador; tais negociações se estenderam de 2 a 21 de fevereiro de 1931. A acusação de que Rubin pertencera ao "Bureau Sindical" já tinha sido retirada em Moscou, após a acareação com Yakubovich. Agora concordaram que meu irmão consentia em se confessar membro de uma comissão de programa vinculada ao "Bureau Sindical"; que ele, Rubin, teria mantido em seu escritório no Instituto [Marx-Engels] documentos do "Centro Menchevique", e que, quando demitido desse Instituto, teria entregado tais documentos a [D. B.] Riázanov num envelope lacrado, supostamente enquanto materiais sobre a história do movimento socialdemocrata. Rubin supostamente teria pedido a Riázanov que mantivesse tais documentos por curto período. Em tais negociações foram disputadas cada palavra e cada formulação. Diversas vezes a "confissão" escrita por Rubin foi riscada e corrigida pelo investigador. Quando Rubin foi a julgamento, em 1º de março de 1931, a sua "confissão" estava no bolso lateral do seu casaco, corrigida com a tinta vermelha do investigador.

A posição de Rubin foi trágica. Ele teve de confessar o que jamais existiu ou aconteceu: [não eram verdade] nem seus "pontos de vista anteriores", nem as ligações com os outros acusados (muitos dos quais não conhecia ou conhecera apenas ocasionalmente), nem quaisquer documentos que supostamente teria guardado, nem o pacote lacrado de papéis que teria entregado a Riázanov.

Durante o interrogatório e as negociações com o investigador, ficou claro para Rubin que o nome de Riázanov figuraria em tudo referente ao caso. Caso não estivesse no depoimento de Rubin, estaria no de outras pessoas. Rubin concordou em falar toda a história sobre o mítico pacote. Meu irmão me contou que falar contra Riázanov era igual falar contra seu próprio pai. Essa foi a parte mais difícil para ele, e decidiu fazer parecer que tinha enganado Riázanov, o qual teria confiado nele implicitamente. Meu irmão manteve teimosamente essa posição em todos os seus depoimentos: Riázanov confiou nele pessoalmente, e ele, Rubin, enganou o confiável Riázanov. Ninguém e nada o poderia demover dessa posição. Seu depoimento de 21 de fevereiro a respeito foi impresso na acusação e assinado por Krylenko em 23 de fevereiro de 1931. O depoimento

dizia que Rubin entregara os documentos a Riázanov em mãos, num envelope lacrado, e solicitara que os mantivesse no Instituto por um período. Meu irmão



ênfatiou essa posição em todas as suas declarações antes e durante o julgamento. No mesmo, deu alguns exemplos que supostamente explicariam por que Riázanov confiara tanto nele. [...]

Apresentar o problema nessa forma arruinou o plano do promotor. Ele questionou secamente Rubin: "Você não estabeleceu nenhuma relação organizacional?". Rubin respondeu: "Não, não havia qualquer relação organizacional, havia apenas a sua grande confiança pessoal em mim". Então Krylenko pediu uma paralisação [do interrogatório]. Quando ele e os outros réus entraram noutra sala, Krylenko disse a Rubin: "Você não disse o que deveria ser dito. Após este intervalo eu vou te chamar de volta ao depoimento e você corrigirá a sua resposta". Rubin respondeu bruscamente: "Nem me chame. Vou repetir outra vez o que disse". O resultado foi que, em vez dos três anos de prisão acordados, Rubin recebeu cinco, e, na conclusão, Krylenko apresentou uma caracterização devastadora de meu irmão. Todos os interessados no caso não conseguiram entender por que Krylenko expressara tanto rancor e veneno em sua caracterização.

Rubin se propôs a fazer tudo a seu alcance para proteger Riázanov. [...] No julgamento, a possibilidade de definir dessa forma ["proteção"] a sua relação com Riázanov lhe deu certa satisfação moral. Mas essas sutilezas legais faziam pouco sentido para qualquer outra pessoa. Politicamente, Riázanov estava comprometido e Rubin fora riscado da lista de pessoas com direito a uma vida digna de homem. Ele mesmo, Rubin, em sua própria consciência, retirou-se dessa lista de pessoas tão logo começou a dar seu "testemunho". É interessante o que meu irmão sentiu quando o levaram de volta da Susdália para Moscou. Então, doente e torturado, foi colocado no trenó e lembrou como, segundo suas palavras, estava seguro de si e forte internamente quando levado à Susdália; e como agora saía dali moralmente quebrado, destruído, rebaixado a um estado de total desesperança. Rubin compreendeu perfeitamente que com sua "confissão" colocara um fim à sua vida de trabalhador e pesquisador (em seu campo acadêmico) honrado e incorruptível.

Mas isso não era o principal; o central é que ele foi destruído como homem. Rubin entendeu perfeitamente bem quais repercussões a sua confissão teria. Por que Rubin dera falso testemunho contra si próprio? Por que também nomeara Riázanov? Por que violara os preceitos mais elementares e primitivos do comportamento humano? Todos sabiam com que respeito mútuo aqueles dois homens, Rubin e Riázanov, estavam atados. Riázanov, consideravelmente mais velho do que Rubin, via nele um marxista

acadêmico de talento, que devotara a sua vida ao estudo e à popularização do marxismo. Riázanov confiava nele sem reservas; e ele mesmo ficou perplexo com o que aconteceu. Aqui quero contar um episódio, bastante doloroso, sobre a acareação entre Rubin e Riázanov. A acareação ocorreu na presença de um investigador. Rubin, pálido e atormentado, virou-se para Riázanov e disse: "David Barisovich, lembra-se de que lhe entreguei um pacote?". Se Riázanov disse algo mais preciso, não me lembro. Meu irmão logo em seguida foi levado à sua cela e lá começou a bater a cabeça na parede. Qualquer um que soubesse como Rubin era calmo e autocontrolado entenderia bem a que estado ele fora levado. De acordo com rumores, Riázanov costumava dizer que não conseguia entender o que acontecera com Isaak Ilyich.

Os réus do caso do "Bureau Sindical" foram sentenciados a várias penas de prisão; todos os catorze homens foram transferidos à prisão política da cidade de Verkhneursk<sup>7</sup>. Rubin, sentenciado a cinco anos de prisão, foi submetido ao confinamento solitário. Os outros, sentenciados a dez, oito e cinco anos, foram alocados em celas comuns, com vários homens. Rubin permaneceu em confinamento solitário enquanto esteve ali. Em tal período, continuou seu trabalho acadêmico. Na prisão, adoeceu e suspeitou-se de câncer no lábio. Devido a isso, em janeiro de 1933 foi levado a Moscou, ao hospital da prisão de Butyrskaya. Enquanto aí esteve, foi duas vezes visitado por oficiais da GPU, que ofereceram facilitar sua situação, libertá-lo, para que prosseguisse em suas pesquisas. Mas nas duas vezes ele recusou, ciente do alto preço que pagaria por tais "favores". Após uns seis ou oito meses no hospital da prisão, foi levado de volta à prisão de Verkhneursk. Um ano depois, em 1934, Rubin foi solto numa sentença comutada e exilado para a cidade de Turgai<sup>8</sup>, então um assentamento quase despovoado em meio ao deserto. Afora Rubin, não havia quaisquer outros exilados lá.

Após vários meses em Turgai, Rubin obteve permissão para se instalar em Aqtöbe<sup>9</sup>. [...] Ele conseguiu um trabalho de economista de planificação em uma cooperativa de consumo. Paralelamente, prosseguiu com seu próprio trabalho de pesquisa acadêmica. No verão de 1935, sua esposa ficou muito doente. Meu irmão me enviou um telegrama, pedindo para que eu fosse me juntar a ele. Fui imediatamente a Aqtöbe; a esposa de meu irmão estava no hospital e ele próprio estava em um terrível estado. Um mês depois, sua

<sup>7</sup> Pequena cidade russa, pertencente ao estado federal [*Oblast*] de Tcheliabinsk, a cerca de 1.600 km a leste de Moscou, próxima ao Cazaquistão.

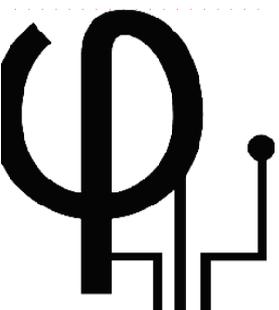
<sup>8</sup> Cidade na desértica região central do atual Cazaquistão, a cerca de 2.400 km de Moscou.

<sup>9</sup> Cidade também no Cazaquistão, a cerca de 1.700 km de Moscou.

esposa melhorou e eu voltei a Moscou [...]. Meu irmão disse que não queria voltar a Moscou, que não queria encontrar seu antigo círculo de conhecidos. Isso mostrava o quanto ele estava profundamente abalado, espiritualmente, frente a tudo o que passara. Somente o grande otimismo que lhe caracterizava, e seus profundos interesses acadêmicos, davam-lhe forças para viver.

No outono de 1937, durante as prisões em massa da época [em meio aos Processos de Moscou], meu irmão foi preso novamente. A prisão de Aqtöbe estava superlotada; as condições de vida dos prisioneiros eram terríveis. Após curta permanência na prisão, ele foi transferido a um lugar fora de Aqtöbe. Não pudemos descobrir mais nada sobre ele.

\*\*\*



## REFERÊNCIAS

- MARIE, Jean-Jacques, "Riázanov, o dissidente vermelho". In *Cadernos do Movimento Operário*, n. 1, São Paulo: Sundermann, 2021;
- MEDVEDEV, Roy, *Let History Judge, the origins and consequences of stalinism*. New York: Columbia Uni. Press, 1989;
- RUBIN, Isaac I., "Abstract Labour and Value in Marx's System", *Capital and Class*, n. 5, verão de 1978;
- "THE CASE OF MIKHAIL P. YAKUBOVICH" (sem autor especificado), disponível digitalmente em *A Chronicle of Current Events*: <<https://chronicle-of-current-events.com/2013/10/10/10-8-the-case-of-m-p-yakubovich-karaganda/>> (acesso em dezembro de 2022).
- VASINA, Lyudmila L. & ROKITYANSKY, Yakov G., "Pages from the Life and Creative Work of Economist I. I. Rubin (1992)", in DAY, Richard & GAIDO, Daniel. *Responses to Marx's Capital: From Rudolf Hilferding to Isaak Illich Rubin*. Leiden/Boston: Brill, 2017.
- "РУБИИ ИСААК" (sem autor especificado), disponível digitalmente em *World ort*: <<https://eleven.co.il/jews-of-russia/in-culture-science-economy/13610/>> (acesso em fevereiro de 2023).

